A LUTA EDUCA E TRANSFOMA: A POSSIBILIDADE DE RECONSTRUÇÃO DA CIDADE ATRAVÉS DA GREVE DE 2016 DOS PROFESSORES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Ágata Liz Mazine Cardozo

Licenciada em Geografia

Universidade Feral de Juiz de Fora

Resumo

Nos últimos anos a educação estadual fluminense tem passado por uma crise generalizada desde as políticas meritocráticas impostas até a violência cotidiana enfrentada nas escolas. A brutalidade com que tem se lidado com algo que era para ser tratado com grande esmero culminou em uma greve histórica de professores, funcionários e alunos da rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro. O movimento tem ido às ruas, que é o palco onde ele pode ser visto pela mídia (ainda que distorcido), pela população e pelo poder público. Além disso, as escolas têm sido ocupadas, o que vem causando grandes mudanças nas mentes de alunos, os quais passaram a perceber onde está realmente o problema de sua "falta de rendimento". Tais alunos têm ensinado muito a seus mestres. Estes, outrora desanimados pela cultura do capital e seus fardos, agora encontram frescor no apoio dos estudantes. Juntas, essas duas classes (que são na verdade uma), aterrorizam o usual funcionamento da "Cidade Olímpica", vislumbrando assim a possibilidade de que é possível transformar a educação.

Palavras chave: Cidade, Greve de Professores, movimentos sociais.

Introdução

Não é por acaso que a Greve dos Professores (ainda em curso durante a confecção do presente trabalho) alcançou números tão massivos – mais de 70% dos servidores públicos da

educação e mais de 70 escolas ocupadas em todo estado do Rio de janeiro. Estes percentuais se devem a todo um contexto em que está inserida a cidade, o estado, e finalmente o país.

Vivemos uma intensa crise política nacional e sofremos as conseqüências de uma crise econômica global. O estado do Rio de Janeiro, apesar de ter uma das maiores arrecadações do Brasil, vem sofrendo com ambas as crises, uma vez que a desvalorização da Petrobras no mercado mundial acarretou grande queda em sua receita, fator este agravado em função da recente redistribuição dos royalties do petróleo entre os estados brasileiros. Quanto ao governo, cresce o descrédito e a rejeição das principais lideranças.

Soma-se a este turbilhão a proximidade das Olimpíadas. A cidade maravilhosa está sofrendo diversas intervenções, algumas delas desnecessárias e dispendiosas, outras mal planejadas e mal executadas (como no caso da ciclovia Tim Maia, que desabou algumas semanas antes da realização dos jogos), o que tem gerado desconfiança e descontentamento de grande parcela da população, fazendo com que movimentos sociais se espalhem por seu território a procura de respaldo da cidade que se fez mercadoria, e que juntamente negociou a qualidade de vida, o acesso a serviços básicos e o direito a própria cidade.

A Greve dos professores é um desses movimentos, o mais forte deles, uma vez que esta é a maior categoria no funcionalismo público do estado. A pauta é extensa e envolve desde melhorias estruturais na escola, passando pela discussão de currículo, pelo fim da política de meritocracia e pelas necessárias adequações salariais.

Dentre os vários movimentos existentes, este está entre aqueles que provocam maior preocupação entres os governantes, uma vez que, além do massivo número de participantes, tem a seu favor a principal arma de qualquer luta: a educação. Nas palavras de Paulo Freire "através da educação libertadora somos seres da decisão e da ruptura".

Objetivos

Geral

Analisar a Greve Geral da Educação Pública Estadual do Estado do Rio de Janeiro enquanto movimento social transformador da cidade e da educação.

Específicos

Verificar o porquê da grande adesão de professores, funcionários e alunos. Identificar os problemas políticos e econômicos que influenciaram o movimento e a relação destes com os megaeventos, com a cidade mercadoria e com a cidade rebelde. Identificar a causa e as conseqüências dos atos e ocupações na cidade e na educação.

Metodologia

A elaboração deste artigo foi feita em caráter qualitativo, partindo do empirismo da prática docente antes e durante a Greve de 2016 dos professores do Estado do Rio de Janeiro, ou seja, através de observação nas escolas do estado, da analise das propostas feitas em assembléias locais e geral, do acompanhamento dos atos do movimento, das entrevistas feitas com alunos de escolas ocupadas, professores e com o comando de greve do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro.

Também foi realizada pesquisa bibliográfica básica em buscadores *on line* a procura de dados sobre educação libertadora, cidades rebeldes, lutas de classes e greve geral da Educação.

A Escola

Desde 2008 a Secretaria Estadual de Educação - SEEDUC utiliza-se de uma avaliação diagnóstica e externa chamada SAERJ, mecanismo supostamente empregado para auxiliar o planejamento através de um quadro geral da qualidade da Educação estadual e da comparação nacional, em vistas de melhorar o aprendizado em suas instituições.

Todavia, após quase uma década de sua implatanção, não restam dúvidas de que esta é uma política meritocrática e superficial e que o rankeamento das unidades escolares se faz necessário apenas capital, afinal através da competição se almejam metas para os alunos (para apresentá-las internacionalmente) e abonos para os professores (no lugar de um plano de carreira incentivador).

Os mecanismos de controle não param por aí. Para garantir que os estudantes se saiam bem nestas avaliações, os docentes são constrangidos a seguir o chamado “currículo mínimo”, que é uma bula sobre o que deve de fato ser ensinado, ou seja, trata-se de uma educação

excludente e conteúdista, que tem afastado paulatinamente nossos discentes de suas realidades e nossos mestres do verdadeiro ensinar pedagógico construtivo e libertador.

Além disso, as escolas que não vão bem nesta prova não recebem os mesmos incentivos daquelas que galgaram boas notas. Vale destacar que outros fatores, como número de adolescentes grávidas, também fazem parte de uma cruel avaliação, que claramente tendem criar ilhas de excelência que mostrem que "o êxito é possível, falta esforço daqueles que não o alcançaram". Estamos claramente diante de uma prática neoliberalista onde devia reinar a solidariedade.

Portanto as escolas que são excluídas, neste caso a grande maioria delas, tendem a ser sucateadas. Convém ressaltar que nem mesmo essa política falha o governo do estado conseguiu manter, pois faltou com o pagamento das metas e do décimo terceiro salário, além de não aplicar o necessário reajuste anual (ainda que a mera correção da inflação) e de não garantir o pagamento dos salários nas datas previstas em lei.

Essa crise econômica e política será a verdadeira herança dos megaeventos, diversão de alguns, sacrifício de muitos, em especial daqueles que são operários dessa cidade mercadoria.

A Cidade

Desde a preparação para a Copa do Mundo de Futebol assistimos a várias violações de direitos promovidos pelas parcerias público-privadas. A FIFA recebeu diversos subsídios do governo. O cenário das Olimpíadas segue o mesmo curso. Com o aval do Governo, direitos como o de locomoção e moradia são violados em detrimento dos megaeventos.

Os "meganegócios" decorrentes deste cenário contam com isenções fiscais milionárias, ao passo que o governo justifica os atrasos na folha de pagamento dos funcionários públicos ativos e inativos devido à falta de receita.

> Flexível, negociável, negociada, a cidade-negócio se atualiza, quase sempre, através de parcerias público privadas, novas formas de relacionamento entre Estado, capital privado e cidade. A contraface da cidade de exceção é uma espécie de "democracia direta do capital. (VAINER, 2013)

A contradição se instala e a solução é mobilização social. A cidade então se rebela, pois a causa do descontentamento atinge a muitos e este é o ingrediente de união que faz emergir movimentos que estavam um tanto quanto esquecidos.

Tais movimentos têm tomado as ruas da cidade maravilhosa há meses, contando com a participação de milhares de pessoas – alunos, professores, diversas categorias do funcionalismo público estadual e também aposentados. São estas pessoas que estão dispostas a cortar as principais ruas e avenidas da metrópole fazendo ecoar um grito não só de desespero, mas também de bravura, de resistência.

O Rio de Janeiro já vive diversas paralisações devido às muitas obras (atrasadas) presentes na cidade em virtude das Olimpíadas. Esse fator, quando aliado aos inúmeros protestos, fazem com que o transito, que já era caótico, fique ainda mais difícil. A mídia faz o seu papel de mostrar estes efeitos colaterais dos movimentos sociais como algo muito danoso, mas a situação é tão opressora que a sociedade civil tem apoiado o movimento ainda assim.

Multiplicam-se a cada dia as escolas ocupadas, e estas tem se mostrado como espaços pedagógicos nos quais alunos e comunidade agem em cooperação por uma educação melhor. Apoiados pelos professores, eles frequentam as assembléias, possuem sua própria pauta de greve e são protagonistas nos protestos que tomam a cidade em busca de respostas à calamidade que se instalou em suas instituições de ensino. Em outras palavras, eles se tornam seres da ruptura, mostram que são educáveis.

> Uma das coisas mais significativas de que nos tornamos capazes mulheres e homens ao longo da história que, feita por nós a nós nos faz e refaz, é a possibilidade que temos de reinventar o mundo e não apenas de repetí-lo. (FREIRE, 2000, p.121)

Algumas considerações

Contra todo argumento de que a Greve é prejudicial há o argumento de que “a luta também educa”. Os estudantes começam a perceber que a falha no sistema de educação não provém deles, mas tem outras raízes, muitas delas propositais, decorrendo principalmente das escolhas feitas pelos governantes.

Cai o pano das falácias midiáticas, e fica claro que não são praticados direitos, mas são oferecidos privilégios a um mercado global anárquico que possui o poder de criar megaeventos e meganegócios. Mas em contra partida surgem os megaprotestos fruto de

necessidades suprimidas pela Cidade Mercadoria, esta que com seu planejamento amigável ao mercado se torna cada vez mais subserviente ao capital e mais hostil a sociedade.

> [...] a mais consistente e, no geral, a mais bem-sucedida tentativa do homem de refazer o mundo onde vive de acordo com o desejo de seu coração. Porém, se a cidade é o mundo que o homem criou, então é nesse mundo que de agora em diante ele está condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem nenhuma ideia clara da natureza de sua tarefa, ao fazer a cidade, o homem refez a si mesmo. (PARK, 1967, pág. 3)

Portanto, se a cidade e a educação não estão de acordo com nossos autênticos desejos, é nosso dever individual e coletivo lutar. Isto não deve ser feito através da vias usuais, mas sim de formas novas, fora de nossas experiências atuais, afinal a cidade se destrói, mas também se reconstrói, e este o propósito da Greve Geral de Professores, funcionários e Estudantes: reconstruir uma nova educação.

Referências Bibliograficas

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

HARVEY, David, A liberdade da cidade Cidades rebeldes. São Paulo: Boitempo,2013.

PARK, Park. On Social Control and Collectiv e Behav ior. Chicago: Chicago University Press, 1967.

SANTOS, Renato Emerson do Nascimento. Movimentos sociais e geografia. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.

VAINER, Carlos. Quando a cidade vai às ruas *in* Cidades rebeldes. São Paulo: Boitempo, 2013.